

TRADUÇÃO LITERÁRIA E LIBRAS: A EXTENSÃO EM PROL DA FORMAÇÃO EM COMPETÊNCIAS EXTRALINGUÍSTICAS

LITERARY TRANSLATION AND LIBRAS: EXTENSION PROJECTS IN SUPPORT OF EXTRALINGUISTIC COMPETENCE DEVELOPMENT

Michelle Duarte da Silva Schlemper

Doutora em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2376257147123817>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2863-8829>.

Email: chelly.s@hotmail.com.

Neiva de Aquino Albres

Doutora em Educação Especial. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1652645656634694>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>.

Email: neivaaquino@yahoo.com.br.

Resumo: Este artigo analisa a formação de tradutores literários no par linguístico Libras-Português, com base na didática da tradução, na formação por competências e na perspectiva dialógica do discurso. Observa-se que os currículos dos cursos de Letras Libras priorizam aspectos linguísticos e negligenciam o desenvolvimento de competências extralinguísticas essenciais à tradução literária. O estudo utiliza revisão de literatura e abordagem qualitativa descritiva com relatos de experiência de discentes e da coordenadora do projeto de extensão “Cada Encontro Eu Conto um Conto”. Os resultados indicam que práticas extensionistas, aliadas a feedbacks de tradutores experientes e de pessoas surdas, favorecem o desenvolvimento de competências extralinguísticas, fundamentais à atuação profissional no campo da tradução literária. Conclui-se que os cursos de Letras Libras devem fomentar experiências práticas que integrem ensino e formação tradutória por meio de projetos de extensão.

Palavras-chave: Tradução literária e Libras. Extensão universitária. Competência extralinguística. Formação em tradução. Análise dialógica do discurso.

Abstract: Abstract: This article analyzes the training of literary translators in the Libras-Portuguese language pair, based on translation pedagogy, competence-based education, and the dialogic perspective of discourse. It is observed that the curricula of Libras undergraduate programs prioritize linguistic aspects and neglect the development of extralinguistic competences essential for literary translation. The study employs literature review and a descriptive qualitative approach, using experience reports from students and the coordinator of the extension project “Cada Encontro Eu Conto um Conto” (“At Each Meeting, I Tell a Story”). The findings indicate that extension practices, combined with feedback from experienced translators and Deaf individuals, promote the development of extralinguistic competences, which are fundamental for professional performance in the field of literary translation. It is concluded that Libras undergraduate programs should promote practical experiences that integrate education and translator training through extension initiatives.

Keywords: Literary translation and Libras. University extension. Extralinguistic competence. Translator training. Dialogic discourse analysis.

Introdução

A formação de tradutores e intérpretes do par linguístico Libras-Português (TILSP) tem ganhado destaque nas produções acadêmicas brasileiras, enquanto a formação em tradução literária nesse par linguístico é uma área relativamente nova, como evidenciado pela escassez de artigos e pesquisas dedicados ao tema (Schlemper, Jesus, 2021; Rodrigues, Christmann, 2023). Este trabalho busca destacar a necessidade de uma formação que leve em consideração a formação por competências (FPC), olhando para as competências extralinguísticas, para os alunos dos cursos de Letras Libras, visando à tradução literária tanto de como para Libras.

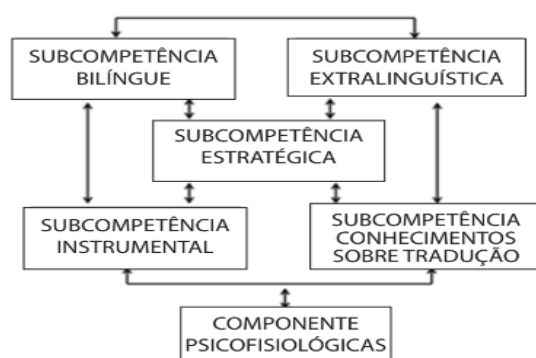
Rodrigues (2018) ressalta a importância de uma revisão nos currículos dos cursos de formação em tradução e interpretação em Libras, os quais, em sua maioria, ainda adotam uma abordagem generalista. Baseando-se nas pesquisas do grupo PACTE, ele argumenta que esses currículos precisam ser atualizados a fim de buscar uma formação por competências para melhor atender ao processo de formação em tradução dos alunos. Segundo o modelo holístico do PACTE, a formação de tradutores e intérpretes deve abordar as competências essenciais para o desenvolvimento profissional. De acordo com Hurtado Albir (2020), a competência tradutória (CT) é definida como o conjunto de conhecimentos declarativos e operacionais subjacentes necessários para a prática da tradução.

A competência profissional é, dessa forma, considerada como um saber-fazer complexo (conhecimentos, habilidades, atitudes, valores etc.) que garante a eficácia de um exercício profissional. Isso evidencia a importância de se definirem as competências profissionais como ponto de partida para a elaboração dos currículos: o perfil profissional. (Hurtado Albir, 2020, p. 371).

Segundo Schlemper e Jesus (2021), a maioria das pesquisas sobre CT revela sua natureza multifacetada, envolvendo uma variedade de componentes cognitivos e sociointerativos. Ela não é uma entidade monolítica, mas sim um conjunto de subcompetências que interagem entre si, influenciando-se mutuamente em um processo dinâmico de retroalimentação de conhecimento e atitudes.

Figura 1. Competência Tradutória: Modelo PACTE

Figura 1 – Competência Tradutória: Modelo PACTE



Fonte: Hurtado Albir (2005, p. 27).

Fonte: Hurtado Albir (2005, p.27).

Ao estudar a tradução literária no par linguístico Libras-Português, observamos a importância do desenvolvimento de subcompetências extralinguísticas que segundo Hurtado Albir (2005) é formada principalmente por conhecimentos declarativos que abrangem uma variedade de áreas, desde conhecimentos gerais sobre o mundo até aspectos específicos de determinadas esferas, como conhecimentos culturais e enciclopédicos.

A partir das pesquisas de Albres (2015, 2020), Gonçalves (2015) e Schlemper e Jesus (2021), podemos observar que as competências extralinguísticas são frequentemente negligenciadas nos currículos dos cursos de graduação em Letras Libras, que tendem a priorizar as competências linguísticas.

Gonçalves (2015) destaca que os temas que abrangem a subcompetência extralinguística são normalmente abordados nos cursos de Letras Libras por meio das disciplinas de literatura e cultura surda. No entanto, estas disciplinas não abordam a prática tradutória, não induzem a reflexão dos discentes sobre as estratégias de tradução utilizadas na tradução literária quando esta envolve o par linguístico Libras-Português, cujos processos tradutórios envolvem não somente línguas diferentes (Português-Libras), mas de modalidades diferente (oral-gestual) e formas de registro e entrega diferentes (escrito-vídeo-registro).

De forma que diferente de outros tipos de tradução literária estudadas, as traduções literárias de e para Libras são constantemente envoltas em processos tradutórios interlinguais, intermodais e intersemióticos (Schlemper, 2016). O que por sua vez pressupõe a necessidade do sujeito tradutor de desenvolver conhecimentos que vão além do conhecimento linguístico e instrumental, e a fim de desenvolver as competências estratégicas é necessário a este sujeito desenvolver conhecimentos extralinguísticos.

Como o próprio termo se auto conceitua, a noção de extralinguístico vai além da língua, do conhecimento linguístico e terminológico aprendido e utilizado. Envolve um conjunto de conhecimentos e saberes que se entrelaçam com habilidades sociointerativas, possibilitando ao profissional um desempenho atitudinal melhor na interação com os envolvidos na tradução/interpretação. (Schlemper e Jesus, 2021, p. 249)

Albres (2020) e Schlemper e Jesus (2021), analisaram os currículos desses cursos e identificaram que a tradução literária no par linguístico Libras-Português é abordada em poucas disciplinas, muitas vezes apenas uma ou duas. Essa constatação levanta a questão sobre a qualidade da formação dos profissionais que trabalham com tradução literária nesse par linguístico, com o objetivo de promover uma produção e disseminação mais ampla de materiais literários acessíveis à comunidade surda.

Literatura e Libras: o acesso

Cabe esclarecer, que o acervo literário disponível à comunidade surda brasileira é composto por traduções, adaptações surdas e criações surdas (Mourão, 2011; Schlemper, 2016; Schlemper, Costa e Albres, 2022; Schlemper, 2024b). Estas, constantemente envoltas em diversos processos tradutórios (interlinguais, intralinguais, intermodais e intersemióticos), podem estar disponíveis à comunidade surda em forma monolíngue, bilingue ou trilingue, tendo seu registro em português oral, escrito, Libras sinalizada, escrita de sinais ou Libras ilustrada, e ser disponibilizada em material impresso, PDF/digital ou vídeo registro (CD - DVD - QRCode - App - Youtube, etc).

Autores como Karnopp (2008), Mourão (2011), Boldo e Schlemper (2018), Schlemper (2016, 2024b), Schlemper e Albres (2023) entre outros têm explorado em suas pesquisas a importância do acesso à literatura surda e à literatura em Libras desde a infância. Esse acesso não apenas impacta a aquisição e desenvolvimento linguístico, mas polifonicamente, também o desenvolvimento cultural e identitário dos sujeitos. Vieira-Machado e Teixeira (2019) nos provocam para olharmos as crianças surdas enquanto experiência específica da vida e para a infância como potência. Nesse sentido, a educação bilingue como um desejo de realidade que se concretiza na ação pedagógica. As ações são possíveis mediante a implementação de políticas linguísticas e políticas de tradução (Santos, Vera, 2020).

No entanto, até recentemente, poucos surdos tinham acesso à literatura sinalizada desde a infância, e ainda menos na juventude. Schlemper (2016) relata que alunos e professores surdos da UFSC informaram que só tiveram acesso à literatura sinalizada mais tarde, ao ingressarem nas comunidades surdas ou na graduação. Além disso, o número de obras literárias direcionadas à comunidade surda era muito limitado.

Nos últimos anos, porém, com a popularização da internet, a comunidade surda começou a produzir e divulgar sua literatura online. Além disso, a inclusão das disciplinas de literatura surda nos cursos de Letras Libras licenciatura a partir de 2006 e de tradução literária no bacharelado em 2008 influenciou os novos tradutores e intérpretes a produzirem interpretações e traduções de contos infantis em Libras para a comunidade surda.

Uma explosão de produções ocorreu durante a pandemia de Covid-19, quando tradutores e intérpretes, que antes dependiam de estúdios e equipes de edição de vídeo, passaram a produzir materiais audiovisuais em suas próprias casas. Isso resultou em uma grande quantidade de materiais literários disponíveis online, produzidos por educadores, tradutores, intérpretes e estudantes de Letras Libras em todo o Brasil; muitas vezes, com o objetivo de proporcionar conforto e contato com a língua materna às crianças surdas, que estavam em casa devido ao isolamento e distanciamento social causado pela pandemia.

Ou seja, o cronotopo pandêmico veio atuar polifonicamente na vida da comunidade surda em geral. Educadores e profissionais intérpretes e tradutores, que com essa comunidade, necessitaram se adaptar à nova realidade que a pandemia trouxe e buscar formação, naquele tempo online, para atuar profissionalmente ou mesmo voluntariamente. Redes de apoio foram criadas, para de forma dialógica uns ajudarem os outros nos desafios emocionais, psicológicos, profissionais e tecnológicos que apareciam. Foram os componentes psicofisiológicos atuando na formação desses profissionais, que impactados pela nova realidade, tiveram de "se virar nos trinta" para buscar novas formas de formação e atuação profissional. Para Albres e Santiago (2021) a pandemia mostrou a face humanitária de muitos profissionais, entre eles os tradutores e intérpretes de Libras-português.

Projetos de extensão como #CasaLibras, registrado no sistema de projetos de extensão da UFSCar sob o título "Atenção Bilíngue Virtual para Crianças Surdas em meio à Pandemia do "Coronavírus" - COVID-19: Contação de Histórias Infantis" e [Cada Encontro Eu Conto um Conto](#) registrado no sistema de projetos da UFSC sob o número 202307891, foram criados durante a pandemia e continuam após seu término, combinando ensino, pesquisa e extensão ao proporcionar a formação em tradução literária de discentes que atuam como bolsistas ou voluntários nos projetos, enquanto disponibilizam material literário acessível em Libras e Português para a comunidade surda.

A formação

Por que se preocupar com a formação em tradução literária quando já existem tantas traduções disponíveis na internet? Qual o impacto de uma formação com enfoque na competência extralinguística na produção de traduções literárias em Libras, considerando a abundância de material disponível gratuitamente online?

Schlemper (2018) salienta que, embora haja uma ampla variedade de materiais literários em Libras disponíveis gratuitamente na internet, muitos desses são produzidos por iniciantes na língua, incapazes de proporcionar um material de qualidade ao público-alvo. Além disso, as traduções e interpretações literárias geralmente são disponibilizadas em formato de vídeo, tornando crucial a consideração da qualidade dessas produções audiovisuais, especialmente ao direcioná-las a públicos de diferentes idades e perfis.

Como os pais, educadores e membros da comunidade surda, que não são fluentes em Libras, podem discernir quais desses materiais são adequados para uso em casa e na escola, visando o consumo por crianças, jovens e adultos surdos? É notável que muitas traduções para Libras disponíveis apresentam boa sinalização, porém, seguem estritamente a estrutura do texto em português, priorizando a forma e a estética em detrimento do sentido e do conteúdo, sem considerar adequadamente o público-alvo dessa nova produção traduzida.

Por exemplo, há diversas traduções e produções em Libras destinadas a crianças surdas do ensino fundamental que carecem de apoio visual, sendo que a maioria das crianças surdas nessa faixa etária ainda está em processo de aquisição sinalar (Schlemper, 2016).

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa (Gil, 2002), de natureza descritivo-analítica, fundamentada em revisão de literatura e em relatos de experiência. Parte-se da perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2003), articulando o aporte teórico sobre formação de tradutores e competência extralinguística com as vivências extensionistas do projeto Cada Encontro Eu Conto um Conto. Assim, o estudo busca compreender de que modo práticas de tradução literária em contexto de extensão universitária podem contribuir para a formação de tradutores no par linguístico Libras-Português.

O corpus deste estudo consiste em relatos de pesquisa de doutorado (Schlemper, 2024a, 2024b) e experiências compartilhadas por discentes dos cursos de Letras Libras que participam do projeto de extensão "Cada Encontro Eu Conto um Conto". Neste projeto, os alunos atuam como tradutores de literatura infantil do Português para Libras.

O propósito delineado é construir um conhecimento concreto sobre a importância da prática extensionista na formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português, explorando o que já foi escrito e pesquisado sobre o tema em consonância com experiências vivenciadas pela pesquisadora durante sua pesquisa de doutorado e como coordenadora de projetos de extensão voltados a tradução literária no par linguístico Libras-Português.

Os enunciados analisados foram gerados a partir do grupo focal reflexivo (Gatti, 2012) criado durante a pesquisa de doutorado e em registros encaminhados por discentes extensionistas membros do projeto de extensão universitária denominado "Cada Encontro Eu Conto um Conto", acerca de suas experiências com a tradução literária no par linguístico analisado.

A análise e interpretação dos enunciados constituiu-se nas etapas de rever os diálogos vídeo-gravados do curso, transcrever e analisar criticamente os enunciados dos participantes do grupo focal, assim como registros encaminhados por extensionistas do projeto citado, identificando os principais elementos sobre o tema formação.

A segunda etapa foi de construção da correlação dos enunciados dos sujeitos participantes. Para tanto, adotou-se uma análise dialógica, estabelecendo relações entre os discursos e buscando corroborá-los à luz bakhtiniana segundo a qual "enunciados confrontados entre si, entra em um tipo especial de relações semânticas que chamamos de dialógicas" (Bakhtin, 2003 [1959-1961], p. 324).

O sentido aparece sempre produzido no diálogo, ou, em outros termos, a relação dialógica é uma relação dos enunciados em textos concretos. O seu método de investigação também é de natureza dialógica, constituído pelo diálogo entre o sujeito-pesquisador e o sujeito-autor do texto estudado. "Por toda parte há o texto real ou eventual e a sua compreensão. A investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo" (1959/1961/2003, p. 319). (Grillo, 2006, p. 122).

Em síntese, adotamos a perspectiva dialógica da linguagem, uma vez que se estabelece uma relação entre as pesquisas existentes e os discursos dos participantes, com o intuito de refletir sobre a necessidade de formação em tradução literária durante o período de formação dos discentes.

Reflexões sobre a formação

A partir da interação proveniente de grupos focais que exploraram o tema da literatura surda e suas traduções, selecionamos os enunciados sobre formação, vivenciados nestes encontros do grupo. Durante essas sessões, os participantes, que possuíam fluência e experiência em tradução, compartilharam suas experiências. Eles relataram que não receberam, durante suas graduações, práticas ou aprofundamento sobre tradução literária no par linguístico Libras-Português.

- ...então éh:: eu não tenho uma experiência com atuação de literatura surda eu trabalho mAiis com a interpretação

e tradução educacional e na área jurídica porque minha primeira formação em direito e a minha segunda formação é em letras libras. O trabalho em letras libras licenciatura então eu não trabalho na área de literatura não sei se eu tenho muito daquelas habilidades aquelas técnicas mas me esforço para desenvolver aqui (Feijãozinho surdo- E1- 41:58ss)

Percebeu-se que mesmo tendo fluência na Libras (competência linguística) e experiência em tradução (competência tradutória) muitos possuíam um conhecimento superficial sobre o conceito de literatura surda, havendo até divergências de entendimento, pois alguns consideravam qualquer literatura sinalizada como literatura surda.

13:53ss - então eu faço uma tradução de uma literatura de cordel para a libras então acaba sendo realmente uma questão que se encontra dentro da literatura surda mas pelo fato de eu ser ouvinte é considerado uma literatura sinalizada (Gato Surdo - E2 - 13:53ss)

Assim como não conheciam a arte literária do Visual Vernacular e não se sentiam seguros para fazer escolhas tradutórias que o texto não explicitava, conforme pode-se observar por meio dos relatos abaixo:

- olha assim, eu entendi... eu não sabia/eu sabia que era um animal mas eu não sabia qual era o animal se não fosse o/a ajuda visual eu não ia identificar nunca que era uma formiga: já mais ia passar na minha cabeça que era uma formiga néh, eu ia pensar em várias possibilidades de tudo assim eu

[pra mim era uma barata gente...]

ia ficar meu Deus eu tô louco vozes da minha cabeça ()
(Feijãozinho surdo - E2 - 40:37ss)

e eu me senti na obrigação de não mudar o texto do autor. de não fazer mudanças, não me senti autor também, né, Tradutor /autor. eu me senti um tradutor. (Feijãozinho surdo - E9 - 1,04.48)

a gente vem de uma prática já, mesmo no nosso trabalho, de Formação também, desse discurso de fidelidade. Por que a gente vem de uma formação, de uma concepção anterior, de que é... que existia a neutralidade e a fidelidade (Chapeuzinho - E9)

Durante os encontros, tornou-se evidente a necessidade de formação nessa área para profissionais que desejam atuar em contextos diferentes dos tradicionalmente abordados pelos cursos, como educação, jurídico, saúde e conferências. Uma dessas novas oportunidades é o mercado editorial, assim como outras áreas da esfera artístico-cultural, abordadas por Albres (2020). No entanto, como esses profissionais podem ingressar em um mercado que exige conhecimento aprofundado sobre questões culturais e extralinguísticas, quando sua formação se concentrou principalmente na forma e fidelidade da tradução?

Alguns podem argumentar que essas preocupações se aplicam apenas a profissionais mais antigos, enquanto os novos estudantes, que cresceram na era da internet com acesso abundante a traduções literárias, possuem uma perspectiva diferente. No entanto, a prática pedagógica em tradução literária tem revelado uma realidade distinta, uma vez que não houve alteração significativa nos currículos dos cursos quando voltados a disciplinas que abordem a tradução literária e as competências extralinguísticas como verificado por Gonçalves (2015), Albres (2020) e Schlemper e Jesus (2021).

Para explorar essas questões mais profundamente, consideramos os relatos e experiências

dos discentes envolvidos no projeto de extensão universitária “Cada Encontro Eu Conto um Conto”. Este projeto de extensão, registrado na UFSC, foi concebido durante a pandemia e está em sua terceira edição. Ao longo do tempo, o projeto evoluiu em resposta ao feedback do público, passando a disponibilizar todas as histórias em Libras, com acessibilidade em português oral, e oferecendo recursos didático-pedagógicos relacionados aos contos traduzidos.

Na terceira edição, o projeto atraiu um maior número de alunos dos cursos de Letras Libras da UFSC (presencial e EaD), que buscavam cumprir suas horas curriculares de extensão e obter formação na área de tradução literária. Cada aluno interessado em participar do projeto passou por uma entrevista online, visto que os envolvidos residem em diferentes cidades do país e todo o trabalho do projeto, é realizado de forma remota e online. Durante essas entrevistas, foram exploradas perguntas sobre a história do aluno com a Libras, seu interesse no projeto, experiência anterior em tradução literária e contação de histórias, entre outros aspectos, com o objetivo de conhecer melhor os participantes e seus perfis.

Dois relatos nos chamaram a atenção. Dois dos alunos informaram já ter experiência com tradução literária, e nos encaminharam o link de suas produções que estão disponíveis no youtube. Ambos os alunos informaram que a tradução foi realizada para a avaliação de uma disciplina do curso, e que suas notas foram boas, porém nenhum dos alunos teve feedback quanto à produção, não sabendo se as mesmas poderiam ser consideradas “boas traduções”.

Ao analisarmos as produções audiovisuais dos alunos pudemos constatar que mesmo que os vídeos tivessem boa qualidade de edição, e que a sinalização fosse correta e clara, os alunos estavam extremamente presos a estrutura linguística da língua de partida, no caso, a língua portuguesa. Preocupados com a forma e estética do texto de partida de tal forma a ignorar características próprias do público do texto de chegada. Exemplificamos isso com a escolha e tradução de um conto infantil que faz uso repetido de onomatopeias relacionadas a ruídos, que para crianças ouvintes é divertido, mas no momento da tradução a tradutora digitaliza (sinaliza cada letra da palavra/onomatopeia) cada onomatopeia e mexia os lábios - buscando apoio na leitura labial. Isso ignora que crianças surdas em fase de aquisição sinalar ainda não sabem ler, não tem domínio de leitura labial, não compreendem ou tem conhecimento dos conceitos por trás das onomatopeias e que abordar os diferentes tipos de ruídos, para os surdos em geral, não faz sentido. Estas reflexões não foram realizadas com os alunos tradutores, nem antes, nem durante e nem após a entrega da tradução.

Temos percebido que muitos discentes, principalmente os ouvintes, mas alguns surdos também, ao iniciar no projeto, quando solicitado para traduzir um conto, a primeira versão do conto apresenta um zelo excessivo à estrutura da língua de partida – língua portuguesa escrita. Preocupação em digitalizar nomes, em respeitar rimas, em manter uma fidelidade à forma de forma a descaracterizar o sentido. Esquecem-se que na literatura infantil texto e imagem compõem um único projeto discursivo. E preocupados apenas com a leitura do texto escrito, ignoram a leitura da ilustração e projeto gráfico, como indica Albres (2014).

Quando desafiados a escolher contos infantis para crianças em fase de alfabetização, para traduzir para Libras, muitos selecionaram textos com rimas ou contos que abordaram temas extremamente importantes, mas complexos, como racismo e abuso infantil. Este era um momento de levar os alunos a refletirem no público alvo do projeto - crianças surdas em fase de aquisição sinalar - crianças que não tendo contato com a língua materna desde tenra idade, necessitam que a literatura destinada a elas vá de encontro ao seu desenvolvimento linguístico e cognitivo, para que possam aproveitar o lúdico que a literatura pode proporcionar enquanto desenvolvem naturalmente por meio do contato, sua língua natural, a gesto visual.

Isto requer dos tradutores que atuam na tradução literária no par linguístico Libras português uma série de estratégias de tradução que vão além dos conhecimentos linguísticos e instrumentais. Neste processo as subcompetências extralinguísticas são de suma importância, atuando com as demais competências nas escolhas tradutórias que envolvem nível de desenvolvimento linguístico do público-alvo, uso do espaço, de classificadores, de incorporação, etc.

A partir dos feedbacks, proporcionados a cada versão de tradução apresentada, pelos coordenadores do projeto e colegas, percebe-se que é possível a reflexão, na busca por traduzir o sentido do conto para o público-alvo, instigando-se a leitura e tradução das imagens em conversa

com o texto escrito (Albres, 2020), assim como uso de incorporação e classificadores, para tornar a tradução mais vívida aos olhos do público-alvo.

Ao serem questionados sobre a contribuição que a participação no projeto Cada Encontro tem trazido para sua formação enquanto tradutor Literário, alguns alunos encaminharam as seguintes respostas:

Tem ajudado me soltar mais, desenvolver melhorias estratégias que sejam mais naturais na libras. Olhar um texto e buscar uma estrutura própria da libras e deixar de lado a estrutura do português. também aprender o processo do trabalho de tradução em equipe na prática é muito importante vivenciar cada etapa. As a gente estuda, mas vivência. A parte do áudio que é outra etapa diferente, outra linguagem, aprender a usar expressões próprias, como preencher os espaços é bem importante saber falar o tom de voz que tem que acompanhar as expressões do sinalizante. A parte do registro é bem importante, saber fazer que ajudar a se vê o desenvolvimento do trabalho e também se analisar, quantos as escolhas que se está fazendo. Os feedback muito importantes essa troca informação que ajuda a pessoa a rever as escolhas, ter opções diferentes enfim muito bom. (cachinho dourados - ouvinte - mensagem de watts)

Bom, pra mim foi um desafio nunca gostei de fazer história em libras porque acho muito dura, mas com esse feedback ajudou muito espero q continue assim ajuda a melhorar. (branca de neve - surda - mensagem de watts)

Os feedbacks, dados por meio de conversas realizadas pelo meet, ou registros no grupo de whatsapp do projeto, ajudam não somente o aluno tradutor que enviou o vídeo rascunho para análise, como os demais colegas que podem acessar o vídeo por meio do link disponibilizado (salvo em modo não listado) para auxiliar nos feedbacks, a partir de suas experiências e leituras de mundo e culturais, uma vez que a equipe é composta por alunos surdos e ouvintes, todos podem aprender por meio dos feedbacks postados e compartilhados.

E nesse vai e vem de feedbacks, onde os componentes psicofisiológicos são levados em consideração, dicas e conversas sobre estratégias de tradução, conhecimentos linguísticos, conhecimentos culturais, visões de mundo de surdos e ouvintes, o processo tradutório vai caminhando até que a versão final é aprovada e segue para edição, onde passa por tratamento de imagem, chroma-key, criação e edição de cenários que respeitam a sinalização, e por fim a tradução oral para a língua português que busca respeitar o tempo de sinalização, assim como as regras da língua portuguesa.

Assim chega-se a uma produção audiovisual acessível, que possibilita ainda a criação e disponibilização gratuita para a comunidade surda de recursos didático-pedagógicos interligados com a tradução literária, enquanto possibilita a formação discente.

O que fazer com isso?

Este estudo evidenciou que a formação de tradutores literários no par linguístico Libras-Português ainda carece de espaços sistemáticos de aprendizagem que articulem teoria, prática e reflexão crítica sobre os processos tradutórios interlinguais, intermodais e intersemióticos. A análise das experiências extensionistas do projeto Cada Encontro Eu Conto um Conto demonstrou que a prática da tradução literária em contextos reais, associada a feedbacks dialógicos entre tradutores surdos e ouvintes, constitui um campo privilegiado para o desenvolvimento das competências extralinguísticas delineadas pelo grupo PACTE e por Hurtado Albir (2005, 2020).

As evidências empíricas indicam que a imersão dos discentes em atividades extensionistas

permite que a formação por competências ultrapasse o domínio técnico-linguístico, incorporando saberes culturais, cognitivos e atitudinais imprescindíveis à atuação profissional. Nessa perspectiva, o projeto de extensão consolida-se como um espaço formativo de natureza dialógica, no qual o processo tradutório é compreendido como um ato ético e estético de mediação intercultural, em consonância com a concepção bakhtiniana de linguagem como interação social (Bakhtin, 2003).

Observa-se, assim, que práticas de tradução literária vivenciadas em contextos de extensão universitária fortalecem a autonomia intelectual dos futuros tradutores, estimulam a consciência crítica sobre as escolhas tradutórias e promovem a ampliação da competência tradutória em sua totalidade. Ao mesmo tempo, contribuem socialmente para a democratização do acesso à literatura em Libras, ampliando o repertório cultural e identitário da comunidade surda.

Conclui-se, portanto, que a integração entre ensino, pesquisa e extensão é condição essencial para a consolidação de uma formação tradutória efetivamente bilíngue e bicultural. Cabe às universidades fomentar políticas institucionais que garantam a presença contínua de projetos dessa natureza nos currículos de Letras Libras, de modo a assegurar que a formação do tradutor literário em Libras-Português se realize de forma crítica, sensível e comprometida com a acessibilidade linguística e cultural.

Referências

ALBRES, Neiva Aquino. Os espaços da Libras em contextos artístico-culturais e literários e a formação de tradutores e intérpretes de Libras-português. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.23, n. 4, p. 1248-1273, out.-dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v23i4.18467>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/18467>

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Revista brasileira de linguística aplicada**, [S. l.], v. 14, p. 1151-1172, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-639820145540>. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbl/a/fgf3prbxtHNtdWjrMLVW3VQ/?lang=pt>

ALBRES, Neiva Aquino. Tradução intersemiótica de literatura infanto-juvenil: vivências em sala de aula. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 35, n. esp. 2, p. 387-426, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p387>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/.../2175-7968.2015v35nesp2p387>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. A tradução e a interpretação para Libras em tempos de pandemia: políticas linguísticas e políticas de tradução. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 10, n. 1, p. 01-30, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n1.2021.33839>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/33839>. Acesso em: 17 out. 2025.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [1959-1961] 2003. p. 307-336.

BOLDO, Jaqueline; SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. Literatura surda: uma questão de cultura e identidade. **Transversal - Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 79-92, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/38108>. Acesso em 12 abr 2024.

FERREIRA, D. **Estudo comparativo de currículos de cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras-português no contexto brasileiro**. 2015. 182 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PGET0301-D.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. 2012. Brasília - Liber Livro Editora 80p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. SP: Atlas, 2002.

GONÇALVES, J. L. V. R. Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. **Revista Graphos**, v. 17, n. 1, p. 114-130, 2015.

GONÇALVES, J. L.; MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução XVII**. UFSC, p. 45-69, 2006.

GRILLO, S. V. de C. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. **Horizontes**, v.24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006. Disponível em: https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portalUSF/edusf/publicacoes/RevistaHorizontes/Volume_08/uploadAddress/Art1%5B6565%5D.pdf. Acesso em: 12 out 2025.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 19-57.

HURTADO ALBIR, A. Competence-based Curriculum Design for Training Translators. **The Interpreter and Translator Trainer**, v. 1, n. 2, p. 163-195, 2007.

HURTADO ALBIR, A. Competência tradutória e formação por competências. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 367-416, jan. 2020. Tradução de Lavínia Teixeira Gomes e Marta Pragana Dantas. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p367>. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n1p367>

KARNOPP, Lodenir. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Lodenir Karnopp. **Literatura Surda**. Florianópolis, 2008. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em: 12 out 2025.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?...1>. Acesso em: 6 maio 2015.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. A importância da literatura infantil em libras no desenvolvimento infantil. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, [S. l.], v. 20, p. 01-23, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/43401338/A_IMPORT%C3%82NCIA_DA_LITERATURA_INFANTIL_EM_LIBRAS_NO_DESENVOLVIMENTO_INFANTIL_A_IMPORT%C3%82NCIA_DA_LITERATURA_INFANTIL_EM_LIBRAS_NO_DESENVOLVIMENTO_INFANTIL. Acesso em: 19 out. 2025.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. A tradução audiovisual acessível no projeto "Cada encontro eu conto um conto": disseminando a literatura por meio da tradução intersemiótica de contos em Libras. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 153-172, 2024a. DOI: 10.17851/2238-3824.29.2.153-172. Disponível em: <https://periodicos-hml.cecom.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/53937/44754>. Acesso em: 19 out. 2025.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. **Espelho, espelho meu, que tradutor sou eu?: analisando**

marcas culturais ideológico-discursivas em tradução de literatura surda vídeo-gravada para o português escrito. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2024b. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/262977>. Acesso em: 12 out. 2025.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. **Traduções infantis para Libras**: o conto como mediador de aquisição sinalar. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176676>. Acesso em: 12 out. 2025.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; ALBRES, Neiva de Aquino. Marcas culturais ideológicas-discursivas em obras da literatura surda escritas: experiências de vidas surdas. **Gláuks – Revista de Letras e Artes**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 23–46, 2023. DOI: <https://doi.org/10.47677/glauks.v23i2.390>. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/390>. Acesso em: 19 out. 2025.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; COSTA, Mairla Pereira Pires; ALBRES, Neiva de Aquino. Paratextos editoriais em produções literárias bilíngues (português-libras): novas perspectivas de leitura de traduções. **Graphos**, [S. l.], v. 24, p. 86-118, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2022v24n1.62539>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/62539>. Acesso em: 19 out. 2025.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; JESUS, R. B.. A Competência Extralinguística no Currículo dos Cursos de Bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras no Brasil. In: Rodrigues, Carlos Henrique; Galán-Maas, Anabel. (Org.). **TRADUÇÃO, COMPETÊNCIA E DIDÁTICA questões atuais**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2021, v. , p. 241-259. Disponível em : <https://insular.com.br/produto/traducao-competencia-e-didatica-questoes-atuais/>

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada [online]**. 2018, v. 57, n.1 [Acessado 14 Junho 2021], pp. 287-318. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/010318138651578353081>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RODRIGUES, C. H.; CHRISTMANN, F.. As pesquisas brasileiras sobre tradução e interpretação de línguas de sinais: os ETILS na pós-graduação em Estudos da Tradução. **Cadernos De Tradução**, 43(1), 1-44. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2023.e94239>.

SANTOS, Silvana Aguiar dos; VERAS, Nanci Cecília de Oliveira. Políticas de tradução e de interpretação: diálogos emergentes. **Travessias Interativas**, São Cristóvão-SE, v. 10, n. 22, p. 332-351, 2020. DOI: 10.51951/ti.v10i22. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/15334>. Acesso em: 17 out. 2025.

VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa; TEIXEIRA, Keila Cardoso. A educação bilíngue para crianças surdas: surdez como experiência e infância como potência. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 10, n. 26, p. 59–68, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v9i27.12624>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Recebido em: 07 de Julho de 2025
Aceito em: 29 de Setembro de 2025